



Entrevista Alberto da Costa e Silva 2º Edição Revista Outrora, 2018.2

## A África não é metonímia

*Jheniffer Ribeiro & Laís Marçal*<sup>1</sup>

Dedicar-se ao trabalho intelectual de observar como as questões que permeiam o continente africano se refletem nos contextos do Brasil é um esforço de permanente vigilância e de alta complexidade. Primeiro, pela vastidão do continente que abarca diversos costumes, tradições, povos e formas de se observar o mundo. Segundo, há sempre e cada vez mais, muitos discursos e compreensões cristalizadas que se estendem até a contemporaneidade e permanecem em disputa, principalmente as representações discursivas que tangem a ideia de África e dos africanos e seu papel na formação do chamado Novo Mundo.

Com dossiê temático voltado para a comemoração dos 130 anos do pós-abolição no Brasil, esta edição da Revista Outrora tem o prazer de apresentar um breve trecho de um conjunto de entrevistas com o intelectual e Embaixador Alberto da Costa e Silva, que também se destaca como africanólogo, poeta, ensaísta e membro da Academia Brasileira de Letras. A perspectiva de descrição do continente pelo seu conjunto de paisagens, pelas relações implicadas entre os indivíduos e a natureza, as condições de existência social, e a escravização enunciaram questões que ainda não haviam sido observadas como pontos importantes para se entender os africanos. Sua produção intelectual inaugurou uma nova forma de se fazer História da África no Brasil, tendo grande impacto no campo de estudos africanos.

As entrevistas foram realizadas ao longo do ano de 2018, visando a produção de um livro que reunirá todos esses diálogos buscando integrar reflexões acerca da sua produção e experiência, revelando todo sua relevância para esse campo do saber.

---

<sup>1</sup> Jheniffer Ribeiro é graduanda em História pelo IH-UFRJ, estagiária da Fundação Alexandre de Gusmão, monitora da cadeira de África e membro do Conselho Editorial da Revista Outrora. Email: jheniffercoiot@gmail.com  
Laís Marçal é graduanda em História pelo IH-UFRJ, monitora da cadeira de África e membro do Laboratório de Estudos Africanos e Asiáticos. Nesse número foi colaboradora na elaboração das entrevistas e no seu processo de editoração. Email: lalymhp@gmail.com

**Outrora:** Por muito tempo existiu um apagamento epistemológico sobre a História da África, isso se reverberou na formação dos estudos africanos em diversos lugares, de maneira que por muito tempo a matriz desse campo esteve muito ligada a Europa. Como o senhor acredita que isso formou a agenda e quadros intelectuais no Brasil?

**ACS:** No Brasil a diferença foi muito pequena. Na realidade as maiorias dos estudiosos entenderam o africano, não vou nem usar a palavra africano, entenderam o negro como se

“Entenderam o negro como se já tivesse nascido no navio negreiro, como se ele desembarcasse aqui sem nada literalmente despido.”

já tivesse nascido no navio negreiro, como se ele desembarcasse aqui sem nada, literalmente despido. Ele realmente desembarcava com uma tanguinha, mas a tanguinha não escondia seus monstros, sua comida, as suas aptidões. Isso é uma coisa muito importante que a nossa historiografia deixou passar, nós não estudamos o negro, um ex-escravo, ou o escravo como portador de técnicas próprias, é como se ele fosse mão de obra desqualificada, ele é tratado assim, por isso, você não consegue imaginar os escravos fundindo ferro em fornos que eram deles, não eram europeus. Não vê o escravo batendo o ouro com técnicas que eram deles - os portugueses não tinham ouro - não pensa que eles cavaram túneis e galerias subterrâneas para circulação e transporte. Curiosamente você chega nos documentos do século XIX e encontra isso lá, encontra o governador de Minas dizendo: “Mandem negros da Costa da Mina, mandem negros, porque eles têm uma sorte louca, eles sabem descobrir o ouro.” Eles não tinham sorte, eles sabiam realmente descobrir o ouro. Os navios da Costa da Mina, no pacote de compra

“Os navios da Costa da Mina, no pacote de compra de escravos tinha uma espingarda, barril de pólvora, duas garrafas de cachaça e um bocado de ouro. Por quê? Porque comprava ouro para produzir ouro, gastava ouro para produzir ouro, investia-se em gente.”

de escravos tinha uma espingarda, barril de pólvora, duas garrafas de cachaça e um bocado de ouro. Por quê? Porque comprava ouro para produzir ouro, gastava ouro para produzir ouro, investia-se em gente.

**Outrora:** O senhor acha que isso acontece porque ainda em muitos lugares, o campo de estudos africanos ainda está muito ligado ao colonialismo?

**ACS:** É a partir da metade do fim da Segunda Guerra Mundial que os estudos de História Africana começam a ganhar ímpeto e fôlego, sobretudo na Inglaterra, na França e nos EUA, curiosamente não porque a gente começa a se desapegar da ideia de que a África não tinha cultura e não tinha história, um grande dos historiadores ingleses disse isso há poucos anos. Em geral esse pessoal que começou a fazer essa grande revolução foram pessoas que trabalhavam sobretudo nas universidades, que foram criadas nos países africanos. Quase todos eles viveram na África. Em Portugal, mesmo sem carreira, eles sabiam tudo sobre o tráfico de escravos entre a Guiné e o Brasil, mas aprenderam lá

“Nós não estudamos o negro, um ex-escravo, ou o escravo como portador de técnicas próprias, é como se ele fosse mão de obra desqualificada, ele é tratado assim.”

na África, muitos foram funcionários coloniais durante anos, e então há esse paradoxo de que alguns funcionários coloniais foram africanistas, você não precisa lê-los da primeira página para última você pode inverter a leitura, da última para a primeira, ler de cabeça para baixo. Agora, no Brasil foi uma tragédia, porque no Brasil não havia ninguém que estudasse África. Os negros brasileiros, poucos na universidade não estudavam África, preferiam estudar povos indígenas, mas não estudava África, não se tinha interesse. É uma coisa que para mim me

indevida de pessoas brancas com turbantes. Até agora não cheguei a uma conclusão, agora uma coisa eu sei: quando eu era menino, tinha uns oito, nove anos, a maioria das senhoras usavam turbante, o cinema de Hollywood traziam as moças andando de turbante, não os turbantes elaborados que hoje se faz na África, mas aquele turbante simples todas usavam. Pois bem, há um trabalho de dois antropólogos americanos que diziam que era possível identificar nações africanas pelo turbante que usavam. Acontece que eu não conheço nação africana em que as mulheres usavam turbante, existem mulheres que usam turbante, mas não grupo que usam turbantes especiais. O que é inteiramente diferente das escarificações, pelas escarificações você consegue identificar grupos, mas com turbante... Bom eu não acredito que seja dessa forma... então eu comecei a me preocupar com o assunto de como foi que apareceram os turbantes femininos? Quando você lê a literatura da época, você não encontra descrições de mulheres de turbante, você encontra descrições de mulheres

“Eles sabiam tudo sobre o tráfico de escravos entre a Guiné e o Brasil, mas aprenderam lá na África, muitos foram funcionários coloniais durante anos, e então há esse paradoxo de que alguns funcionários coloniais foram africanistas.”

causa surpresa, eu fico meio perplexo, não gosto de dizer não que as pessoas ficam zangadas comigo e eu tenho horror que fiquem zangados comigo, mas o senador Nelson Carneiro que era afrodescendente, ele era irmão do Edson Carneiro que era um antropólogo, foi o político do divórcio, senador mais votado no Rio de Janeiro, homem de prestígio imenso, todo mundo esquece que ele era negro, ele não ocultava. Ele uma vez me disse: *“Meu irmão estuda o negro, mas não estuda, ele é um grande estudioso de Palmares, um grande estudioso do Candomblé da Bahia, mas nunca foi ver como era na África”*.

**ACS:** Houve recentemente aqui uma discussão sobre o problema dos turbantes, conversei com vocês sobre isso?

**JD:**<sup>2</sup> Não.

**ACS:** Que estava havendo uma apropriação

“O racismo brasileiro é um racismo extremamente sutil que passa às vezes despercebido”

com trança, com os cabelos trançados, com os cabelos penteados, algumas com véu, mas não propriamente com turbante, com exceção quando você chega e conhece as Inaras e Sinharas, Inhanas, donas, as mulheres negras e mulatas na África que se casavam com brancos, organizavam a vida do homem, facilitavam sua entrada no contexto comercial local, o homem morria depois de seis meses, um, dois, três anos, de febre amarela, malária, o que fosse, depois que isso acontecia, ela se casava com outro branco e assim ia construindo um patrimônio.

<sup>2</sup> João Daniel Lima de Almeida é professor do curso de Relações Internacionais e Política Externa da PUC- RJ e foi colaborador no projeto da entrevista.

Todas as mulheres tinham suas casas com janela, casas pintadas de branco e que usavam, não o pano enrolado na cintura, mas a saia costurada, usavam blusa, usavam turbante, e o turbante era um sinal de importância.

“onde ninguém diz que é racista, mas quando vê o outro julga o outro como tal.”

**Outrora:** O senhor entrou nessa questão do turbante, qual papel que o senhor acha que os pensadores e os intelectuais de África têm? Observando o contexto do Brasil, no qual há cada vez mais maneiras muito peculiares e sofisticadas de manutenção e propagação do racismo.

**ACS:** Depende de que povo você está falando. Se você estiver falando dos Ibós, eles são profundamente racistas em relação aos Hauçás, quer dizer: é difícil você se pôr na mente de um africano costeiro que é distinto de um africano do interior e de um africano europeizado ou não, saber como eles pensam, como é que opera à maneira deles de pensar. O racismo brasileiro é um racismo extremamente sutil que passa às vezes despercebido. Os grandes antropólogos negros norte-americanos que estiveram no Brasil nos anos 40, acreditavam que no Brasil não havia preconceito de raça, acreditavam por que? Porque eles comparavam o que eles tinham nos EUA com que tinha no Brasil e não percebiam a sutileza da discriminação brasileira. Se está acostumado a ter bebedouros próprios, banheiros próprios, chegaram no Brasil e não havia bebedouros próprios, não havia banheiros próprios, todo mundo entrava no bonde como queria, desde que estivesse calçado, por isso não percebiam as outras formas de discriminação, de

marginalização que existiam no Brasil, porque eles vinham de uma área que isso era tão claro, logo se chocavam com um país onde isso era tratado de uma forma extremamente camuflada, onde ninguém diz que é racista, mas quando vê o outro julga o outro como tal.. Mas o que isso tem a ver com o turbante? Eu não entendi foi a relação com o turbante.

**Outrora:** É porque o senhor introduziu dizendo que a polêmica do turbante...

**ACS:** Ah! É mostrar como esse matrimônio permanece de forma que vai sempre se transformando. Hoje quando você anda pela África, você vai encontrar turbantes fenomenais. Os turbantes são tão bem elaborados que às vezes eles podem ser duas vezes a altura da cabeça. Tem uma fotografia da minha filha ali usando um turbante modesto, mas o turbante quanto mais elaborado, ele indica que a mulher é mais importante. É um sinal de classe. Agora faça a pergunta que você gostaria de fazer.

**Outrora:** O senhor acha que é possível pensar em África hoje sem pensar em questão racial?

“Quando você lê os autores antigos você verifica que a raça não era um problema para eles, a raça começa a ser um problema com o colonialismo, quando você sente a necessidade de dividir”

**ACS:** Acho que sim e acho que os africanos não estão pensando. Você está pensando como?

**Outrora:** Eu estou pensando que por exemplo, se a gente passa a pensar a África somente a partir de um viés racial, a gente enrijece um campo de possibilidades, deixando de lado a questão que envolve toda a constituição do continente, que apesar de a raça ser um elemento demarcador em sua História, também tem como característica primordial a questão da diversidade, diversidade geográfica, de povos, de culturas...

**ACS:** Que tem diversas raças! Eu acho difícil você estudar história pensando apenas nisso... não pode deixar de levar em conta o que se chama de raça, mas não pode fazer história só em função disso. Eu pelo menos não consigo fazer. Vocês já andaram pela África?

O Egito não tem grandes problemas nessa área, tem outras áreas onde tem problema, no Quênia e na África do Sul isso é muito latente, mas isso não impede que você tenha estudiosos sul-africanos e ao mesmo tempo uns três ou quatro que conseguem fazer, que tem uma visão da África na antiguidade, na idade média, bastante distinta da África que se inventou praticamente no fim do século XVIII. Porque quando você lê os autores antigos você verifica que a raça não era um problema para eles, a raça começa a ser um problema com o colonialismo, quando você sente a necessidade de dividir. Um núbio antigo provavelmente não faria uma distinção de qualidade entre mais escuro e mais claro, mas um haitiano contemporâneo faz e essas coisas são muito curiosas, porque depende do olhar.